

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. PRÉMIO DUARTE DO AMARAL.

GUIMARÃES, Francisco Salgado

Ano: 1989 | Número: 99

---

### Como citar este documento:

GUIMARÃES, Francisco Salgado, Notícias da actividade cultural. Prémio Duarte do Amaral. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 428-444.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## PRÊMIO «ENG.º DUARTE DO AMARAL»

Por iniciativa da Comissão Organizadora do Congresso Histórico de Guimarães, foi criado o Prémio «Eng.º Duarte do Amaral» que perpetua e honra a memória deste ilustre vimaranense.

O acto solene da celebração do protocolo realizou-se na Sociedade Martins Sarmiento no dia 15 de Setembro, pelas 21,30 h., perante numerosa assistência que enchia por completo a Sala de Leitura da Biblioteca.

Presentes o Rev.º Senhor Arcebispo Primaz de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Sr. António Xavier, o Vice-Reitor da Universidade do Minho, a viúva do homenageado D. Maria Filomena Campos Trocado Freitas do Amaral, seu filho Dr. Diogo Freitas do Amaral acompanhado de sua esposa e filhos, o irmão do homenageado Coronel Gaspar Freitas do Amaral, Eng.º Alberto da Costa Guimarães, Prof. Doutor Joaquim de Oliveira Bragança, Antonino Dias Pinto de Castro, Embaixador Dr. António Leite de Faria, Monsenhor José Maria Lima de Carvalho, Dr. Luís Teixeira de Melo, Dr. Francisco Príncipe e muitas outras individualidades.

Abriu a Sessão o Senhor Embaixador Dr. António Leite de Faria que dirigindo-se aos presentes, proferiu o seguinte discurso:

«Com a instituição do prémio «Eng.º Duarte Amaral» quiseram as Comissões Organizadora e Central do Congresso Histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada prestar sentida e merecida homenagem à memória daquele grande e ilustre Vimaranense.

O Congresso Histórico de Guimarães, de sua iniciativa, preparação e Direcção foi o último dos altos serviços por ele prestados à sua Terra Natal, quando, já a saúde lhe faltava, a bem dizer, com risco da própria vida. Constituiu na opinião de todos os que a ele assistiram, uma manifestação cultural de alto nível mesmo no plano Nacional.

Duarte do Amaral foi no consenso geral, como muito bem disse o Professor Veríssimo Serrão, a alma do Congresso.

O prémio agora estabelecido no Protocolo e respectivo regulamento que vão ser lidos pelo Senhor Prof. Dr. Joaquim de Oliveira Bragança, que foi Secretário-Geral do Congresso, e que teremos depois a honra de assinar com o Senhor Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, resultou de uma feliz iniciativa da Comissão Central do Congresso e representa o

nosso profundo reconhecimento e admiração pelas muitas e valiosas realizações de Duarte do Amaral em prol da sua e nossa Terra».

«Guimarães tem uma dívida de gratidão para com a sua memória. Ninguém, nas últimas dezenas de anos da sua vida fez por Guimarães tanto ou mais do que ele».

O Senhor Prof. Dr. Joaquim Bragança e o Eng.º Alberto Costa Guimarães que mais de perto acompanharam aqui e em Lisboa a actividade de Duarte do Amaral irão de seguida falar sobre o homenageado e da sua última realização — o Congresso Histórico de Guimarães».

Prosseguindo:

«Em nome de todos os presentes desejo agradecer à Sociedade Martins Sarmiento a sua generosa hospitalidade e a boa vontade com que se associou a esta homenagem.

Apresento as nossas respeitadas saudações a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz e sinceros agradecimentos pela sua honrosa presença aqui, nova prova de afecto e interesse que Guimarães e a sua gente têm merecido a Sua Excelência, desde a sua ascensão à Sé Arquiepiscopal de Braga. Agradeço também a presença do senhor Presidente da Câmara que propositadamente interrompeu as suas férias para se juntar a nós na recordação e louvor de um dos grandes homens de Guimarães».

«Para os amigos e admiradores de Duarte do Amaral que aqui vieram em grande número, vai igualmente o nosso melhor agradecimento.



*O Sr. Embaixador Dr. Leite de Faria, discursando na abertura da Sessão.*

Para a Família do Engenheiro Duarte do Amaral, em especial a Senhora Dona Maria Filomena Freitas do Amaral, sua dedicada Esposa, e seu filho o Professor Doutor Diogo Freitas do Amaral, figura cimeira da vida pública portuguesa e demais familiares que quiseram estar connosco nesta hora de saudade e gratidão, vai a homenagem do nosso respeito e da mais elevada consideração».

Procedeu-se, em seguida, à assinatura do Protocolo e do Regulamento do Prémio, findo o qual, o Prof. Doutor Joaquim Bragança usou da palavra dizendo:

«O prémio que hoje oficialmente se institui não consta das conclusões do «Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada», há dez anos celebrado, mas poderemos dizer, utilizando linguagem teológica, que nelas está *implícito*. Implícito a dois títulos: primeiro, porque se tornava indispensável prestar homenagem condigna ao artífice desse grande acontecimento científico e, de certa maneira, continuá-lo; segundo, porque o prémio ora oficializado vem na continuidade de algumas decisões tomadas e ajudará a concretizá-las com o rigor do trabalho histórico que o Regulamento prevê e as Instituições a que foi confiado, fiscalizarão. É sobre estes dois pontos que me proponho reflectir nos breves minutos de que disponho, confiado na benevolente simpatia de tão altas personalidades aqui reunidas hoje.

Dizer que o «Congresso Histórico de Guimarães» foi um memorável acontecimento científico do nosso país é uma verdade de *La Palisse*, que um quarto de hora antes de morrer... ainda vivia. Bastará citar alguns dados para disso nos convenceremos.

No Congresso tomaram parte 105 congressistas, sendo 96 portugueses e 9 estrangeiros, vindos de Espanha, França, Itália, Alemanha, Brasil, Estados Unidos da América e Canadá. Nele foram apresentadas 111 comunicações. Houve ainda a presença de personalidades que, não tendo apresentado tese, pelas suas qualidades profissionais e interesse pessoal vieram expressamente a Guimarães e entrevistaram frequentemente nos trabalhos.

Os quatro volumes das *Actas* que reúnem as comunicações apresentadas, num total de cerca de 2 000 páginas, constituem autêntica enciclopédia de consulta obrigatória, para a história de Guimarães.

Tão relevante acontecimento cultural deve-se à iniciativa e capacidade organizadora do Eng.º Duarte do Amaral — uma das muitas iniciativas deste grande vimaranense a favor da sua amada terra de Guimarães.

Um empreendimento desta natureza não se improvisa. O Secretário-Geral do Congresso pode testemunhar que a sua preparação começou, de facto, dois anos antes, com reuniões quase semanais, de trabalho, em Lisboa.

Foi durante esses dois anos, sobremaneira, que pude apreciar as altas qualidades do Eng.º Duarte do Amaral: apaixonado — e desinteressado — amor à terra natal; vasta cultura histórica, mau grado a sua preparação superior de carácter técnico; capacidade criadora e organizadora, que não esquece qualquer pormenor; fidalguia no trato e apreciação das pessoas; impressionante relacionamento social que lhe permitiu obter tudo quanto era necessário para o êxito do Congresso. É à distância do tempo que nos apercebemos da autêntica envergadura das pessoas com as quais contactámos no banal do quotidiano.

Poder-se-á perguntar — e esta é a melhor homenagem que lhe podemos prestar neste momento — se será possível um dia realizar em Guimarães congresso semelhante ao dele.

Considerando o valor histórico e cultural de Guimarães, propõe um dos votos do congresso que se promovam regularmente cursos, conferências, simpósios, congressos e publicações relativos à história de Guimarães e suas relações com a História de Portugal. Este desiderato tem sido cumprido pelas entidades culturais de Guimarães, nomeadamente pela Sociedade Martins Sarmento, que a partir de hoje se responsabiliza pela atribuição do prémio.

O prémio, por seu lado, é mais uma iniciativa para estimular a investigação histórica, investigação aliás de longa tradição na nossa cidade. Bastará recordar os dois prestigiados periódicos *Revista de Guimarães*, da Sociedade Martins Sarmento e o *Arquivo*, do Arquivo Municipal.

O Prémio «Eng.º Duarte do Amaral» pressupõe e exige a continuidade deste esforço de investigação, a fim de suscitar o interesse dos estudiosos, dando a conhecer os grandes acontecimentos e personagens da história de Guimarães. Doutro modo corremos o risco de não haver candidatos ao prémio ou de rejeitar trabalhos que não satisfazem às suas exigências.

Nesta linha de actuação, afiguram-se indispensáveis duas iniciativas. Importa, antes de mais, dar a conhecer nos meios universitários o regulamento e objectivos do prémio, por meio de um cartaz, uma brochura ou qualquer coisa de semelhante. É preciso que nos centros de investigação superior se saiba que o prémio existe para que os investigadores se interessem por Guimarães.

Parece-nos também — diríamos até, sobretudo — importante o contacto pessoal, trazendo a Guimarães para uma conferência, um estudo, um parecer, os professores universitários que trabalham nos sectores que mais nos dizem respeito. Poderão, deste modo, orientar depois trabalhos de seminário, de mestrado ou de doutoramento, versando temáticas da nossa história.

Seja-nos permitido, nesta linha de actuação, salientar alguns temas que afiguram de primordial interesse para a história de Guimarães e de Portugal. Guimarães é denominada — e com razão — a Cidade Berço (há mesmo uma empresa de transportes em Guimarães que baptizou um autocarro com esse nome). Ora, mais do que falar no «berço», é preciso falar do «menino» que está no berço.

D. Afonso Henriques nasceu seguramente em Guimarães; é por isso o maior dos seus filhos. Mas o que importa, sobretudo, é estudar que a obra e a forte personalidade do «fundador».

D. Afonso Henriques tem sido estudado fundamentalmente como o guerreiro que fundou uma nação, conquistando — ou reconquistando — o seu território à moirama. Tem-se discutido muito, por exemplo, onde se teria dado a Batalha de S. Mamede. No nosso modesto entender, consideramos bem mais importante o estudo de D. Afonso Henriques como estadista: o homem que fundou uma pátria, dotando-a com as estruturas políticas, sociais, religiosas, culturais e económicas que lhe permitiram resistir e subsistir a todos os abalos sucessivos da história durante séculos. É aqui que se manifesta o génio deste homem a quem devemos uma pátria.

Nesta mesma linha de investigação seria preciso estudar, por exemplo, a fundação do Mosteiro da Costa — uma das fundações do nosso primeiro rei — e que viria a ser um dos

grandes centros de irradiação cultural durante séculos, principalmente no séc. XVI, com cursos de nível universitário.

Salientemos, a esmo, ainda mais alguns temas de particular carinho dos vimaranenses nos nossos dias: as origens da Senhora da Lapinha, de S. Torquato, etc., etc.

Para terminar, seja-me permitido referir outra conclusão do congresso e, sem dúvida, o voto mais querido ao coração do Eng.º Duarte do Amaral: a criação de uma Faculdade de Arqueologia e História, «com vista à concessão de licenciaturas das referidas especialidades e de cursos pós-graduação que levem ao doutoramento.

Como vimaranense, penso que me assiste o direito de fazer um apelo aos meus conterrâneos: que se unam todos nas grandes causas do futuro da nossa terra. Será essa a melhor homenagem a prestar ao nosso conterrâneo Duarte do Amaral: concretizar os sonhos que ele não teve tempo de realizar.

Depois do discurso do Prof. Doutor Joaquim Bragança, tomou a palavra o Sr. Eng.º Alberto Costa Guimarães, que, dirigindo-se aos presentes, disse:

«Complementando a saudação do Ex.º Presidente da Comissão Organizadora, o Embaixador António Leite de Faria, e pelo simples motivo de ser dos amigos da figura que hoje aqui consagramos, a do Eng.º Duarte do Amaral, um dos que mais o acompanhou, sobretudo na preparação da missão última a que se devotou, e porque a iniciativa que agora substanciamos derivou de sugestão minha no seio das Comissões do Congresso, apraz-me o grato encargo de me associar à homenagem perene que, através da Instituição do prémio com o seu nome, prestamos ao nosso saudoso e operoso conterrâneo, ocupando-vos com uma súmula de breves considerações que julgo pertinentes, necessárias e apropriadas.

Vão decorridos 10 anos — desde Junho de 1979 — sobre a realização da que foi, sem dúvida, a mais notável e significativa manifestação cultural vimaranense e até nacional ligada à sua história e à sua influente colegiada.

Logo a seguir à passagem do primeiro aniversário de tal realização, e coincidente com o do passamento do Eng.º Duarte do Amaral, dignificaram-se as Comissões do Congresso, e responsáveis locais que à iniciativa se associaram, com o acto de descerramento de lápide comemorativa na casa onde nasceu o homenageado, e a celebração de expressiva sessão de homenagem à sua memória e à missa última de que foi o fulcral promotor.

Ofereceu-se-me então a grata oportunidade de falar sobre Duarte do Amaral, destacando particularidades que mais o ligaram à vida e progresso de nossa terra e concelho, com saliência para o facto ineludível de que em toda a sua existência de homem activo, jamais se dissociaram as vivências de bom chefe de família e de activo e proficiente profissional das preocupações permanentes com os problemas da sua terra, à qual sempre devotou uma dedicação sem limites e de inquebrantável bairrismo, e não poucas vezes em condições bem especiais, como foi o caso do Congresso, ocasião em que teve de se confrontar com um luto recente e a precaridade da sua saúde.

Relembrando o magnífico discurso, que o Dr. Duarte do Amaral proferiu na sessão solene da abertura do Congresso, ainda teve a coragem e perseverança para meter ombros à tarefa que só ele desencadeou e soube levar a cabo, numa idade e estado de espírito, em

que, como então nos dizia, só se deseja um bom fogo para aquecer, bons amigos para conversar e bom vinho para beber.

Comemorando a referida efeméride, de homenagem à figura do Congresso, lançando o primeiro volume das Actas respectivas, de certa forma planificada a edição dos restantes volumes, e deitando contas de expectativas favoráveis à situação que se nos oferecia, considerou-se, optimisticamente, que seria possível vir a salvaguardar um saldo positivo apreciável.

E assim surgiu a ideia natural, justa e lógica, de perpetuar a lembrança do então homenageado, através da instituição do Prémio que hoje aqui estamos a oficializar.

Foram bem mais significativos do que se calculava os encargos do congresso, considerando que a participação das mais brilhantes cabeças das letras, ciências e das artes, não obstante toda a proficiência da preparação e garantia de adesões, excedeu quanto se esperaria, e ainda bem, para que o Congresso se revestisse do brilhantismo inexcedível que alcançou.

Em paralelo, porém, também o apoio voluntário do comércio e indústria locais e até regionais, ultrapassou tudo quanto se estimaria, por acção notável da generalidade dos membros das comissões, em particular da de angariação de fundos, sendo de destacar quanto nesse aspecto conseguiram entre outros, dois dos responsáveis que mais directamente colaboraram no congresso — o Saudoso e mui Digno D. Prior da Colegiada, Monsenhor António Araújo Costa por cuja respeitosa memória me curvo e o Antonino Dias de Castro, este felizmente e graças a Deus entre nós.

É evidente que na base do suporte financeiro, não podemos deixar de salientar, o que de resto bem referiu o Eng.º Duarte do Amaral, na sessão solene de abertura do Congresso quanto não ajudaram a Secretaria de Estado da Cultura e as Fundações Gulbenkian e Eng.º António de Almeida.

Recordo as preocupações do Eng.º Duarte do Amaral quando, a mais de um ano de distância da realização, trocava impressões comigo sobre números que embora falíveis, primavam, como sempre, pela sua cautelosa previdência. E revendo notas que então registei — devo esclarecer que o secretariado inicial do Congresso foi montado, em comum, em sua casa e no meu escritório, não deixei de me surpreender com os empolamentos! E não foi só a inflação a funcionar...

Contudo, pelas receitas de base referidas, as despesas gerais do Congresso ficaram cobertas, incluindo a edição dos volumes das actas que inicialmente se pensava pudessem ser quatro, mas que felizmente — para melhor testemunho aos vindouros e para a história do Burgo e até dos primórdios da Nação — tiveram de ser cinco, com um total de 2 140 páginas.

Promoveu-se uma impressão de 900 colecções, em função do Conselho de «experts», concretamente de Academias, Fundações e Editoras, e não obstante a lógica profusa distribuição gratuita de volumes e separatas a Congressistas, entidades oficiais, Fundações e Academias, etc., salvaguardou-se uma situação líquida, tendo sido através da venda consequente de volumes das actas e com os benefícios de aplicação, transitória, em Fundos de Rendimentos, que pudemos atingir o montante que hoje se confia à Sociedade Martins Sarmento. Para o mesmo contribui ainda a venda de medalhas comemorativas.

Tentou-se sem êxito, por dificuldades financeiras pontuais de entidades abordadas, promover uma rendosa distribuição de colecção das actas pelas Comunidades Portuguesas

espalhadas pelo Mundo (Centros de Portugal) recorrendo aos Ministérios da Cooperação e dos Negócios Estrangeiros.

Igualmente se pensou que através dessa via se poderiam distribuir alguns volumes a Universidades Estrangeiras e ao Instituto de Cultura, mas uma boa receptividade se não nos proporcionou.

De salientar que, mais recentemente, a Ilustre Edilidade local, bom contributo nos conferiu, adquirindo um significativo número de colecções, pelo que se nos cumpre aqui deixar o testemunho público do nosso reconhecimento.

Agradecimentos merecidos e bem marcados se nos determinam:

Eminente e erudito presidente da Academia de História e inclito professor da Universidade de Lisboa, pela orientação e conselho experimentado que nunca nos negou nesta missão final, isto para além de todo o apoio de mestre com que nos orientou para a organização e edição das actas.

Um outro, contempla o nosso bom Amigo, Sr. Manuel Alves de Oliveira, Ilustre Escritor e Historiador, Director do Arquivo Municipal e Académico Correspondente, pela notabilíssima colaboração prestada, pois foi da sua exclusiva iniciativa a revisão das provas gráficas e respectiva boa ordenação das Comunicações.

Um terceiro contempla o Mui Digno Advogado, Dr. António Carlos Lima, que com o seu saber e proficiência nos proporcionou a minuta do protocolo hoje assinado.

Finalmente para o Prof. Dr. Diogo Freitas do Amaral também o nosso sincero reconhecimento pela forma precisa e objectiva com que se dignou elaborar o regulamento do Prémio.

Senhores e Senhoras,

Estamos a celebrar este acto com um desfazamento temporal que excedeu nuns dois ou três anos aquilo que seria o nosso desejo e intenção.

Pretendemos depois aproveitar a data precisa do 10.º Aniversário da perda do nosso saudoso Homenageado para finalmente, satisfazermos uma promessa e honrar um compromisso. Factores de diversa ordem a tal obstaram e não importa estar a enumerá-los.

Fica agora cumprida a nossa Missão. De forma alguma com a relevância que mais desejaríamos, para traduzir a fixação de um prémio bem mais estimulante ou atractivo — não apenas simbólico — e em correspondência com nível de dignificação da figura que o titula.

Fica porém e seguramente a manifestação de um reconhecimento perene por alguém que, sem sombra de dúvida, e na vida e História de Guimarães, foi dos seus filhos um dos que com dedicadíssimo bairrismo mais viveu os seus problemas e anseios, lutando sem descanso pelas mais significativas realizações que tanto valorizaram o seu Património as suas estruturas, e salvaguarda dos direitos que a Guimarães cabem no âmbito da sua inserção no tecido sócio-político e económico nacional.

Embora talvez repetitivo em relação ao que já nesta casa tive oportunidade de destacar em Julho de 1980, relembro o que foi a acção de Duarte do Amaral para a recuperação de alguns dos monumentos que fazem de Guimarães uma jóia do País, com algumas frustrações que infelizmente não vimos depois superadas, como é o caso, entre outros, do aborto da fachada da Igreja da Colegiada (rosácea frontal) e a integração do corpo lateral, desde a sua fachada até ao ângulo da muralha, do Convento de Santa Clara, zona onde hoje estão instalados diversos serviços dos Paços do Concelho.

Frustração também pela não instalação, em Guimarães, de um Instituto Politécnico de necessidade precedente à da Universidade, que finalmente nos foi concedida, e onde a sua acção, para uma total realidade, foi primordial.

Realidade ainda que não pôde viver em pleno regozijo com o da sua terra, pois já não pôde assistir à sua inauguração, foi o da Pousada da Costa, sobretudo sabendo-se o papel preponderante que teve na aquisição, por parte do Estado, da magnífica e maravilhosa quinta onde está implantada. Essa aquisição visando inicialmente o projecto de uma Escola Agrícola, e depois o que felizmente, se levou a cabo, com nível que a coloca no topo dos estabelecimentos similares nacionais e até estrangeiros.

De tudo o restante, só me penaliza que não seja possível reunir em memórias, bem fundamentadas e irrefutáveis, a obra que desenvolveu por Guimarães, para mostrar ao presente e ao futuro que no conjunto de tantas figuras ilustres, a dignificar-se pela dignificação da Terra que os pôde ter por Filhos, pode bem ser situado no seu cume!

E desnecessário se torna repetir tudo o que a sua acção directa ou impulsionadora nos proporcionou em realizações que estão à vista e que todos conhecemos, e também em manifestações e iniciativas que bem alto elevaram o nome da nossa Terra!

Da parte dos que melhor o conheceram e acompanharam, dos seus amigos e colaboradores e até dos mais simples (lembro o grupo de funcionários do sector de transportes da ex-Sacor — Porto que lhe prestaram homenagem póstuma em 10 de Maio de 1980), recebeu preito de reconhecimento público que lhe era devido.

Pela sua terra foi-lhe conferido o honroso galardão da medalha de ouro da cidade.

Julgo, porém, e respeitosamente, que aos mais responsáveis pela coisa pública desta cidade e concelho algo se impõe ainda para perpetuar devidamente a memória de Duarte do Amaral, seja através da atribuição do seu nome a uma das ruas da cidade.

Confia-se que tal iniciativa não pode faltar para bem exaltar, de forma expressiva e perene, as virtudes dessa figura ímpar, sempre empenhado na valorização e progresso do seu rincão natal. Guimarães bem se honrará se assim se proceder, enquadrando a iniciativa numa merecida homenagem pública a prestar ao operoso cidadão.

Senhor Presidente da Câmara: — Com a devida vénia, animado pelo meu bairrismo e pelo respeito que este bairrismo nós incute em sentimentos de gratidão que, por saudável tradição, caracteriza as gentes da nossa terra, fico confiante na boa receptividade de mais esta lembrança! Nós, os do Congresso e também seus amigos que procuramos colaborar, postumamente, por um digno remate da sua última tarefa, contamos com a certeza dessa realidade pública. Duarte do Amaral, que viveu por Guimarães — o seu bairrismo era um vírus que jamais o largou — e que imolou a sua vida — podemos confirmá-lo — pela sua última missão ao nosso serviço e da cultura nacional merece, tanto ou mais que tantas outras figuras notáveis do nosso Burgo, essa derradeira homenagem.

Não poderia remeter esta minha rápida mas grata intervenção, nesta expressiva cerimónia, sem formular uma saudação deixar um agradecimento mais. A saudação, bem sentida e com a mais dedicada amizade, vai para a Ex.ma Família do Eng.º Duarte Amaral aqui presente, com o preito de viva saudade respeitosa recordação e honra à memória do vimarense e português de lei cuja memória guardamos no mais fundo do coração. Foi um exemplo de tenacidade e de serviço ao próximo, sempre pronto em lutar pelos seus amigos e pela sua Terra Natal.

Perseveramos, aqueles que foram os seus mais directos colaboradores na última e bri-

lhante missão a que meteu ombros, para homenageá-lo ao nível do que nos levou, e dar-lhe o prémio póstumo pela canseira a que se devotou.

Confiámos na vossa indulgente compreensão pelo que tivermos falhado na reciprocidade que se nos determinava.

Tentou-se, pelo menos, o mínimo indispensável para cumprir um remate que não indignificasse a sua recordação.

Creemos que vos ficará a certeza da boa intenção na satisfação das responsabilidades que contraímos e assim contamos com a vossa compreensão e indulgência.

E que Duarte Amaral nos perdoe!

Bons amigos, D. Maria Filomena, filhos e netos: com o testemunho de sincera estima aceitem o preito da nossa homenagem respeitosa e dedicada. E que Deus guarde como Ele merece, a alma do vosso e nosso Duarte. Finalmente e concluindo, desejo endereçar à Ex.ma Direcção desta prestimosa instituição cultural, a nossa Sociedade de Martins Sarmiento, a expressão de muito reconhecimento pelo pronto apoio e plena adesão que desde os primeiros contactos efectuados se dignou conferir à nossa iniciativa salientando o seu ex-presidente Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu a quem primeiramente apresentamos o nosso plano respectivo, depois desenvolvido pelos actuais responsáveis, Drs. Francisco Príncipe e Armando Andrade.

E como foi com o actual presidente Dr. Francisco Príncipe que se promoveram as diligências finais de ajustamento do protocolo e da realização desta cerimónia, tarefa a que se dedicou com a maior atenção e entusiasmo natural é que aqui lhe deixe um mais significativo Bem-Haja.

Fica esta sociedade como garante de uma iniciativa que é contributo inequívoco para mais honrar os seus pergaminhos e historial.

Usou em seguida da palavra o presidente da S. M. S. Dr. Francisco Príncipe.

Antes de começar, e em jeito de prólogo, quero falar do prazer e da honra que esta Casa, fundada pelo ilustre homem de cultura que foi Dr. Francisco Martins Sarmiento, tem em receber tão distintas e ímpares personalidades, e ao mesmo tempo manifestar o agrado que teve e tem em ser parte activa na elaboração e futura execução deste protocolo, que instituindo o «Prémio Eng.º Duarte do Amaral», e que servindo de homenagem, grata e até emotiva, de quantos o conheceram e com ele conviveram, é principalmente um aviso, uma referência de comportamento bairrista para muitos outros.

Tem esta cerimónia a particularidade de ser simples, íntima até, como tudo aquilo que é meditado e tema de reflexão. Simples e discreta, mas com um significado profundo; estamos reunidos para homenagear um espírito abnegado que, esclarecidamente, soube trabalhar por uma causa que lhe era querida: Guimarães.

Todo este modo de estar na vida, sem dúvida difícil, trabalhoso e quantas vezes ingrato, foi e bem, consubstanciado no querer, na acção e na efectuação da actividade bairrista do Eng.º Duarte do Amaral.

Não o conheci pessoalmente, não partilhei do seu convívio, portanto, peço a vossa compreensão pelas limitações que não me têm à altura de invocar a sua memória com a dignidade necessária.

Mas esta desvantajosa posição, dá-me de certa maneira, uma distância temporal e até emotiva, que dimensiona de um modo real todo o trabalho desenvolvido pelo Eng.º Duarte do Amaral em prol da cidade, do seu povo e da sua cultura. Basta para isso ver o que

nesta terra existe, e que não existiria, caso a Providência não reunisse tão ilustre Homem a Guimarães.

Para suprir estas faltas pessoais, tentei conhecer, através das suas obras e dos seus escritos, ou do relato pessoal transmitido por viva voz ou escrito dos seus amigos e conjuvas, como diria, tentei conhecer ou melhor, vislumbrar um pouco da sua personalidade, ou ainda melhor da dinâmica de espírito que animou o Eng.º Duarte do Amaral em relação a estas terras de Guimarães.

Queria chamar a vossa atenção para o discurso proferido na Sessão Solene da abertura do Congresso Histórico, que penso ter sido o seu último discurso e que se apresenta como um documento orientador do seu modo de estar na vida e da sua vontade de realizar.

No início dessa comunicação, diz o Eng.º Duarte do Amaral: ... «Tratei de caminhos-de-ferro, fui inspector de Finanças, ajudei a manter a saúde dos Portugueses, dirigi obras marítimas, fiz parte de conselhos consultivos, administrei empresas e ampliei e construí refinarias de petróleo. Também ajudei a reparar monumentos, construir escolas e erguer ou restaurar capelas e igrejas...».

Muito se poderia falar ou escrever, elogiar ou criticar este parágrafo: a mim e neste momento interessa o âmago do pensamento orientador, que com certeza condicionado pela condição humana, levou o Eng.º Duarte do Amaral a estas realizações. Uma coisa salta à evidência, o Eng.º Duarte do Amaral era um homem de enorme cultura, na plena extensão desta palavra.

Vejamos:

— O Palácio Ducal, que imaginado e construído por D. Afonso, filho de D. João I, servindo, de imediato, de residência à sua piedosa esposa e de hospital às pobres gentes, foi



*O Presidente da S. M. S. Dr. Francisco Príncipe no uso da palavra.*

alvo do desgaste do tempo e de desleixo dos homens, sendo hoje um belo monumento com rico recheio, servindo de residência da Presidência da República.

— A restauração da Igreja da Oliveira e da Real Colegiada, por onde passaram e se recordam priores como Pedro Julião ou Pedro Hispano, que foi Bispo de Roma com o nome de João XXI, deixando para a posteridade uma vasta obra sobre Medicina Legal, História Natural, Lógica e Psicologia. Diz-se de João XXI que se distinguiu pela sua liberalidade e pela protecção dispensada aos homens de cultura.

Alguns outros por aqui passaram que foram elevados à púrpura.

Dr. João das Regras, grande estadista e jurisconsulto, que, combatente na frente armada, foi o pelejador das Cortes de Coimbra de 1385, onde a razão e a legalidade da soberania do Povo Português saíram vencedoras antes mesmo de Aljubarrota.

— O Mosteiro da Costa, fundado por D. Mafalda, esposa de D. Henriques, onde no Século XVI funcionou uma Escola Universitária, e que actualmente e por acção directa e primordial do Eng.º Duarte do Amaral é uma das salas de visitas mais aprazíveis de Guimarães.

— O restauro da Igreja de S. Domingos e a recuperação de S. Dâmaso.

— Sendo um impulsor da técnica e da cultura em Guimarães foi, conjuntamente com outros homens, e não posso esquecer o Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu, um dos construtores do pólo universitário de Guimarães.

Muitas outras obras poderiam ser, e merecidamente, inumeradas.

Continuando a leitura das palavras do Eng.º Duarte do Amaral, podemos ver: «... procurei ser um homem de acção. E até aqui fiquei sempre muito longe das minhas ambições de construir...».

Perante as realizações efectuadas podemos facilmente calcular quantos sonhos teria o Eng.º Duarte do Amaral para Guimarães. Sonhos esses que são não só uma referência, como também uma responsabilidade para todos nós. Sonhos esses, eivados de cultura e de humanismo, no seu conceito lato de conhecimentos científicos, éticos, estéticos, literários e filosóficos, que no seu conjunto ajudam a revelar ao Homem a sua génese, o seu modo de estar e efectuar e o seu estatuto no Mundo. É a esse património cultural e histórico que, dia-a-dia, se adicionam novas técnicas, novos conhecimentos, novas filosofias, novos meios de actuação, sendo na junção e conjugação do que era e do que é, que nasce a cultura viva, o desenvolvimento e o harmonioso crescimento. É, pois, a cultura, a verdadeira cultura, um conjunto de valores que tendo um denominador comum a toda a humanidade, geralmente técnico-científico, é composta por vertentes de estética, ética e de modos de estar e efectuar próprios de cada região e de cada Povo.

E é aqui, dentro destes últimos conceitos que me parece estar a acção do Eng.º Duarte do Amaral em prol de Guimarães e da sua cultura.

Continuando a peregrinação sobre o escrito para a sessão solene do Congresso Histórico encontramos o seguinte parágrafo: «... Temos tido através das épocas homens de trabalho e de saber. Tivemos nos últimos tempos uma pleiade de historiadores brilhantes a que podemos chamar o grupo da Sociedade Martins Sarmento, com o próprio Martins Sarmento, Alberto Sampaio, com o Abade de Tagilde, com João de Meira, com Alfredo Pimenta, com Eduardo Almeida, para só falar nos mais brilhantes. Queremos que esta escola não morra...».

Queremos que esta escola não morra, pequena frase mas quanta extensão, quanta profundidade traz a ideia da perpetuação da nossa cultura.

Não queremos que morra a essência da actividade investigadora, docente e humanista do fundador e do grupo gerador desta Casa. No seu legado, bem explícito, apreendemos facilmente aquilo que é essencial e que será conservado e desenvolvido. Permitam-me recorrer resumidamente aos estatutos desta instituição:

É a Sociedade Martins Sarmento uma instituição privada, independente de poderes conjunturais, cujos corpos gerentes são dependentes da vontade soberana da Assembleia Geral dos Sócios. Destinando-se à promoção, quer pelos seus próprios meios de acção, quer em colaboração com os organismos oficiais, de investigações científicas de carácter histórico, arqueológico ou etnográfico; pugnar pela defesa e conservação dos nossos monumentos históricos e antiguidades, especialmente da cidade e do concelho de Guimarães, auxiliar o desenvolvimento da instrução, promovendo, por todos os meios legais, a criação de escolas.

Cooperar, especialmente com a Câmara Municipal de Guimarães e com os estabelecimentos de ensino ou de cultura, em tudo quando se relacione com o progresso intelectual, económico e social.

Continuar com os estudos arqueológicos na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso.

Repito, não queremos que morra, e abrindo um parêntesis, a Citânia de Briteiros que, com as suas pedras coevas das nossas origens, olha acusativamente para aqueles que directamente ou por omissão a agridem.

Estamos numa época em que os horizontes científico-técnico se alargam e as diferenças culturais se vão esbatendo. Estamos numa era de comunicação, de inter-relacionamento. É, pois, hoje e mais que nunca, a cultura um factor de valorização humana, tanto intelectual como espiritualmente, tendendo a libertar a pessoa dos condicionalismos humanos e a dar-lhe a dimensão necessária dos seus direitos e deveres, tornando-a responsável e plenamente útil à sociedade em que está inserida.

Nesta ordem de pensamento está a Sociedade Martins Sarmento que, continuando na essência da sua formação, não declinará das responsabilidades que adquiriu perante Guimarães e perante a cultura regional e nacional.

Neste momento, e correndo o risco de ser maçador, quero ler e lembrar alguns dos votos e conclusões do Congresso Histórico de Guimarães, pois assim tenho a certeza de estar no caminho directo da vontade do Eng.º Duarte do Amaral.

Passo a referir:

«Considerando o valor histórico e cultural da cidade de Guimarães...»

«Considerando a projecção histórica e cultural do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, onde funcionaram Estudos Universitários...»

«Tendo em conta a riqueza arqueológica e a tradição cultural, ultimamente tão valorizada pela escola de Martins Sarmento...»

«Tendo sido demonstrado... o valioso contributo oferecido por Guimarães, durante séculos, à cultura Portuguesa... o Congresso formula o voto de que na distribuição dos sectores do Ensino Superior se atenda ao valor global da cidade e região de Guimarães, inseridas na realidade nacional...»

Após a leitura, atenta, destes excertos dos votos do Congresso, concluiu-se da necessidade premente do aproveitamento integral de todos os recursos humanos de Guimarães, em particular do património bibliográfico, arqueológico, e do espaço físico desta instituição, para assim e atendendo aos desafios do desenvolvimento, a Sociedade Martins Sarmiento, se necessário em colaboração com outras escolas ou organismos culturais, oficiais ou privados, continue a responder às expectativas da cidade e da Região, considerando sempre a vocação investigadora, docente e social para que foi criada, nomeadamente nas áreas de história, etnogenia, etnogeografia e ciências afins.

Para terminar e voltando ao tema nuclear desta nossa reunião, é o Prémio Eng.º Duarte do Amaral uma maneira expressiva de homenagear esse distinto homem, mas o melhor modo de lhe manifestarmos a nossa estima é realizar-mos os seus sonhos, as suas ideias, contribuindo de uma maneira eficaz para melhorar o nível humano, sócio-cultural e histórico de Guimarães, onde, não esqueçamos nasceu Portugal».

Findo o discurso do Presidente da Sociedade Martins Sarmiento usou da palavra o Sr. Professor Doutor Freitas do Amaral que, num sentido improprio e em agradecimento, disse:

«Em nome da minha Mãe, no de meu Irmão e no meu próprio, bem como em nome dos restantes membros da família do Eng.º Duarte do Amaral, cabe-me agradecer muito reconhecidamente a homenagem prestada aqui esta noite à sua memória, e bem assim a iniciativa — em boa hora tomada — da instituição de um prémio com o seu nome.

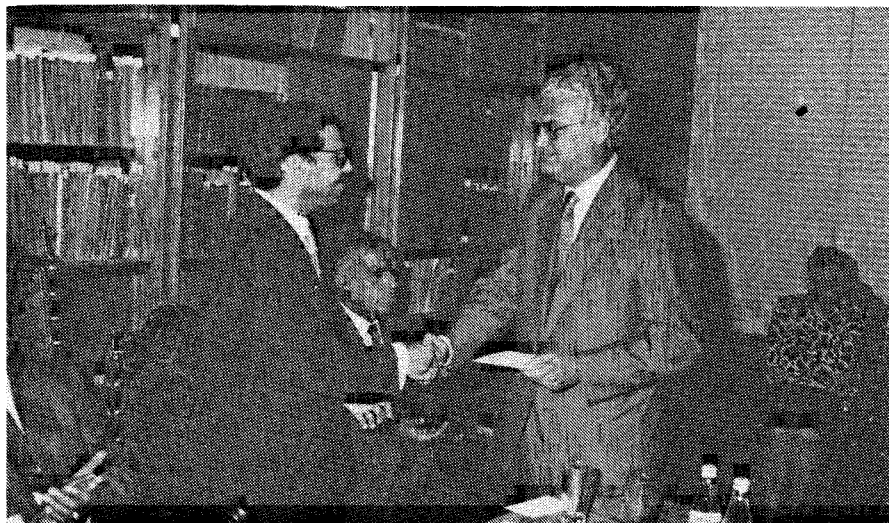
Este prémio constitui o reconhecimento de uma vida dedicada ao progresso de Guimarães e espera-se que implique um poderoso estímulo para estudiosos e investigadores. O prémio liga, pois o passado e o futuro — o passado de quem muito amou a sua terra, o futuro de quem vier a debruçar-se sobre os seus problemas, rubricando acerca deles obra de merecimento.

A instituição do Prémio Eng.º Duarte do Amaral é um acto de cultura. Foi um acto de cultura a organização do Congresso Histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada. Foi um acto de cultura a publicação, em prazo curto, das respectivas actas. E é agora um acto de cultura dar esta aplicação específica ao saldo final das contas do congresso.

Mas o prémio, ora criado, não é apenas um acto de cultura — é também um acto de amizade. Uma amizade que não esquece nem deixa esquecer, uma amizade que não passa nem deixa passar, uma amizade que não aceita ver extinguir-se a chama que animou uma vida cheia de ideal.

A amizade não pode agradecer-se como um favor, mas pode e deve agradecer-se como um exemplo. Pelo exemplo que os amigos do meu Pai aqui dão hoje, com este acto de cultura e com este acto de amizade, a todos digo muito obrigado. Bem hajam!

A família do Eng.º Duarte do Amaral, agradecida, pretende também associar-se à iniciativa da instituição do prémio hoje formalizada. E por isso decidiu contribuir com um donativo para o Prémio Eng.º Duarte do Amaral. É com essa intenção que vou entregar ao Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, em nome de toda a minha família, um cheque de 150 mil escudos destinado a reforçar o primeiro prémio anual que vier a ser atribuído com o nome do Eng.º Duarte do Amaral».



*O Prof. Dr. Diogo Freitas do Amaral entrega ao Dr. Francisco Príncipe o contributo da família para o «Prémio Eng.º Duarte do Amaral».*

### TEXTO DO PROTOCOLO

#### Contraentes:

1.º — EMBAIXADOR DR. ANTÓNIO LEITE DE FARIA, PADRE PROF. DOUTOR JOAQUIM DE OLIVEIRA BRAGANÇA, ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO, JOÃO MARIA RODRIGUES MARTINS DA COSTA (ALDÃO), MANUEL ALVES DE OLIVEIRA, OVÍDIO LEÃO MACEDO e ENG.º ALBERTO RIBEIRO DA COSTA GUIMARÃES, na qualidade de membros das Comissões Organizadora e Central do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada, que se realizou na Cidade de Guimarães de 19 a 25 de Junho de 1979.

2.º — DR. FRANCISCO ANTÓNIO DE ARAÚJO PRÍNCIPE e FRANCISCO JOSÉ SALGADO GUIMARÃES, na qualidade respectivamente de Presidente e Tesoureiro da Sociedade Martins Sarmiento, associação com fins culturais, com sede na Cidade de Guimarães.

Os contraentes, nas qualidades em que respectivamente intervêm, celebram o contrato cujo conteúdo é o que consta das cláusulas que seguem:

1.1. — Os primeiros contraentes promoveram a realização, de 19 a 25 de Junho de 1979, do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada.

1.2. — Satisfeitos os fins desse Congresso, resta como saldo das respectivas contas a quantia de 1 200 000\$00 (um milhão e duzentos mil escudos), fundo traduzido por duas

promissórias bancárias nesta data endossadas à Sociedade Martins Sarmento, e complemento em numerário.

2.1. — Pelo presente os primeiros contraentes deram à representada dos segundos, Sociedade Martins Sarmento, a quantia referida no número dois da cláusula anterior.

2.2. — Esta doação é feita com o encargo de a Sociedade Martins Sarmento administrar a mesma quantia, e aplicando anualmente parte do respectivo rendimento à atribuição de um prémio a quem apresentar ao respectivo júri o melhor trabalho escrito sobre qualquer aspecto relevante do passado, do presente ou do futuro da cidade, do concelho de Guimarães ou dos seus municípios.

2.3. — Os primeiros contraentes declaram que confiam à Sociedade Martins Sarmento um número a determinar de obras completas «Actas do Congresso Histórico e Sua Colegiada» ficando esta responsável pela sua venda; sendo o valor desta destinada a reforçar o valor referido em 2.

2.4. — O referido prémio terá a designação de «Prémio Eng.º Duarte do Amaral», sendo regulamentado de harmonia com o que consta do documento que, assinado por todos os contraentes, fica anexo ao presente contrato como sua parte integrante.

3. — Se por razões imputáveis à Sociedade Martins Sarmento, o prémio não for atribuído em três anos, ainda que não consecutivos, a quantia doada reverterá para a MISERICÓRDIA DE GUIMARÃES, com o mesmo encargo e nas mesmas condições.

4. — Este contrato será submetido a rectificação, por parte da Assembleia Geral da Sociedade Martins Sarmento.

Guimarães, 15 de Setembro de 1989.

*(Seguem-se as assinaturas)*

## **PRÉMIO ENG.º DUARTE DO AMARAL**

### **Regulamento**

#### **ARTIGO 1.º**

*(Instituição)*

E criado o «Prémio Eng.º Duarte do Amaral, destinado a honrar a memória do ilustre Português e Vimaranesense, que nasceu em Guimarães em 13 de Maio de 1909 e morreu em Lisboa em 16 de Julho de 1979.

Dedicadíssimo à sua Terra Natal, prestou-lhe os mais relevantes serviços, tendo sido magnífico impulsor de muitas das mais significativas realizações que valorizaram o seu património e promoveram o seu progresso.

#### **ARTIGO 2.º**

*(Suporte financeiro)*

O «Prémio» será custeado por um fundo de 1. 200 000\$00 (um milhão e duzentos mil escudos), constituído para o efeito pela Comissão Executiva do Congresso Histórico sobre Guimarães e a Sua Colegiada.

## ARTIGO 3.º

(Conteúdo)

O «Prémio» consistirá numa quantia em dinheiro, em princípio de 120 000\$00, correspondente a parte do rendimento anual do fundo referido no artigo anterior, a qual poderá ser acrescida, em qualquer ano, de um montante adicional financeiro por instituições ou indivíduos que o desejem fazer e assim o comuniquem, em tempo oportuno, à Sociedade Martins Sarmento.

## ARTIGO 4.º

(Objecto)

O «Prémio» será concedido uma vez por ano, e seguramente já a partir de 1991, a quem apresentar ao respectivo júri o melhor trabalho escrito sobre qualquer aspecto relevante do passado, do presente ou do futuro da cidade ou do Concelho de Guimarães ou dos seus municípios.

## ARTIGO 5.º

(Júri)

A atribuição do prémio competirá a um júri de cinco pessoas, cuja composição inicial é indicada no artigo 10.º deste regulamento. As vagas que ocorrerem serão preenchidas por cooperação dos restantes membros do júri.

## ARTIGO 6.º

(Concorrentes)

Sem prejuízo do disposto no artigo seguinte, poderá concorrer qualquer cidadão Português que apresente trabalho dactilografado ou publicado nos doze meses anteriores ao aviso anual respeitante ao «Prémio», não sendo exigível que os trabalhos sejam expressamente elaborados para este efeito.

## ARTIGO 7.º

(Pessoas inâbeis para concorrer)

Não podem concorrer a este «Prémio» os parentes ou afins até ao 6.º grau do Eng.º Duarte do Amaral ou de qualquer dos membros do júri ou dos corpos directivos da Sociedade Martins Sarmento.

## ARTIGO 8.º

(Aviso anual)

A Sociedade Martins Sarmiento publicará, num jornal de Guimarães, um aviso referente ao «Prémio» e suas condições, no qual especificará o valor do «Prémio» a atribuir em cada ano. O aviso será publicado com a antecedência mínima de um ano em relação à data limite para apresentação dos trabalhos concorrentes.

## ARTIGO 9.º

(Atribuição e entrega)

A atribuição do «Prémio» será feita, em princípio, no mês de Setembro de cada ano. A Sociedade Martins Sarmiento procederá anualmente à entrega pública do «Prémio» no momento e pela forma que considerar mais conveniente.

## ARTIGO 10.º

(Disposição transitória)

Os primeiros membros do júri serão os Ex.mos Senhores:

- Prof. Dr. Joaquim Veríssimo Serrão, Presidente da Academia Portuguesa de História;
  - Representante da Academia das Ciências de Lisboa;
  - Representante da Universidade do Minho (Faculdade de Letras);
  - Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento ou seu Delegado;
  - Padre Prof. Doutor Joaquim de Oliveira Bragança, em representação das Comissões do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada.
- Guimarães, 15 de Setembro de 1989.



*Signature*